

A SAGA DA TRINTA E TRÊS
(José Atanásio Borges Pinto – Lages/SC)

(ela nasceu pra ser livre
E correr no pampa aberto,
Cruzando o campo deserto
E entreverando-se ao gado,
Sem porteiras, aramados,
Vivendo à lo largo, à toa,
Bebendo o céu nas lagoas,
Pastando nos descampados...)

Foi no século passado,
No fim dos anos cinquenta
E ainda hoje se comenta
Que, vindo lá da fronteira,
Uma égua caborteira
Chegou pra fazer história
E se inscrever na memória
Da vacaria campeira.

Pedro Abreu, era tropeiro,
Homem de larga experiência
E recebeu a incumbência
De ir buscar na fronteira
Dez potrancas de primeira,
Para aqui serem domadas
E depois utilizadas
Em qualquer lida campeira.

Ao sr. Jony Guagnini
Conforme sua encomenda:
Para domar na fazenda
Dos morros, em muitos capões,
Cinco potrancas; e os peões,
Que sabiam do serviço,
Ficaram no compromisso
De das os primeiros puxões.

Dentre elas se destacava
Linda potranca *bragada*,
Já, por todos cobiçada
Para sentar os arreios,
E depois fazer floreios
Nalguma festa campeira,
Só que a égua caborteira
Era pra outra empreitada.

As outras cinco potrancas
Que vieram no mesmo lote
Ficaram com Túlio Rossi
E foram pra extrema velha

Para formarem parselhas
Com outras da sua marca
E receber contramarca
E alguns puxões nas orelhas.

Quanto à potranca *bragada*
Que fora pra seu Jony,
Ninguém vira por ali
Potranca mais caborteira
E, assim, desde a vez primeira
Que lhe sentaram o socado,
Ela mostrou o seu lado
De indomável feiticeira.

Foi Osvaldo de Jesus
(o Osvaldo do feliz)
Que por vez primeira quis
Tirar-lhe as primeiras manhas,
Mas conseguir a façanha
De dobrar-lhe a valentia
Quem será que conseguia
Aqui por estas campanhas?

Com o Dorval do Camilo
Ele foi se revezando
E a *bragada* corcoveando
Sempre de um jeito reverso
la mostrando um universo
De pinotes diferentes
E apresentando ao vivente
Um lado novo e diverso.

Era farra na fazenda
Quando a potranca *bragada*
Pra alegria da peonada
Era trazida à mangueira,
Pois, por maula e caborteira,
Foi se tornando afamada
E acabou requisitada
Pra os rodeios do porteira.

A pedido do patrão,
Sr. João Joaquim ferreira,
A potranca da fronteira
Que se tornara afamada
Foi, enfim, requisitada
Com a mais justa razão
Para ser a sensação
De futuras gineteadas.

Depois de muita conversa
Houve enorme resistência

Por parte do seu Jony.
Seu filho Jorge, um guri,
Com infantil teimosia
Conseguiu (quanta euforia!)
Que ele emprestasse a *bragada*
Para a grande gineteada
Do rodeio em vacaria.

Ao chegar na ferradura
A cancha das gineteadas,
A tal potranca *bragada*
Recebeu nome especial
Na sequência natural,
Por ter chegado sua vez:
Batizada trinta e três,
Para tornar-se imortal.

Os ginetes mais famosos,
Provindos de toda parte,
Com todo jeito, com arte,
De que eram conhecedores
Foram conhecendo os horrores
Dos mais variados corcovos;
Trinta e três mostrava novos
E variados dissabores.

Já no primeiro rodeio
A *bragada* pegou fama
Porque fez beijar a grama
Muito taura ginetaço:
Vinha dando manotaço
Nas esporas do ginete,
Nem bem saía do brete
Abaixo espora e laço.

Buscava sempre uma volta
Mui diferente, ao seu jeito:
O queixo no osso do peito
E muitas voltas no ar,
Como se quisesse buscar
Um modo desconhecido
Pra'aquele índio atrevido
Que lhe queria dobrar.

Era como se quisesse
Livrar-se por esta presa,
Nadar sobre a correnteza
Numa cachoeira revolta
E assim, buscava outra volta
Jogando ao chão o campeiro,
Com instinto caborteiro,
Pois nasceu pra viver solta.

Já nos primeiros rodeios
A sua fama se expande
E o porteira do rio grande
Compra a famosa *bragada*.
E a potranca é reservada
Para montar só no pelo,
Servindo como modelo
De égua mais aporreada.

Os anos se vão passando
E a trinta e três segue a sina
Da animalada teatina
Da tropilha do porteira...
Por se a mais caborteira,
E sem qualquer exceção
É sempre a grande atração
Da gineteadas campeiras.

Os rodeios se sucedem
E a trinta e três, afamada,
Vai ficando reservada
Para as provas finais
E entre outros animais
É sempre a mais respeitada
Com suas manhas renovadas,
Diferentes dos demais.

Veio mil e novecentos
Setenta e quatro e outra vez
Reservou-se a trinta e três
Pra a gineteada final.
E a orelhada manual
Que até ali fora usada
Seria esta vez mudada
Para um modelo especial.

No meio da ferradura
(talvez pra fazer escola)
Improvizou-se uma argola
Presa a uma corrente no chão,
Onde cada redomão
Ali seria amarrado
Pra que ficasse parado
A espera de cada peão.

Túlio Rossi, o orelhador,
Trouxe do brete a *bragada*
Que vinha dando patada
Como, aliás, sempre fazia,
Mas afinal, nesse dia
Um fato inesperado
Parecia reservado

Ao rodeio em vacaria.

A trinta e três chega perto
Da argola improvisada
E vem sendo dominada
Por alguns orelhadores,
Mas vejam a sina, senhores,
Da que busca a liberdade...
Vai resistindo e, em verdade,
Abre o baú dos horrores...

Preso à argola da corrente,
Fica dando manotaços;
Não que sujeitar-se aos braços
Que buscam lhe sujeitar
E manoteando no ar
Acaba, num repente,
Pateando a própria corrente
Com força espetacular.

Aqueles orelhadores,
Às lides acostumados
Ficam todos espantados
Olhando ao chão *a bragada*:
Com a munheca quebrada
Mas sempre, sempre teimando
Continua corcoveando,
Não fica quieta por nada.

E a trinta e três, para espanto
De todos, num de repente,
Fica livre da corrente
E sai numa disparada,
Com aquela mão quebrada
A balançar-se no más
E os ginetes de atrás
Tentando vê-la parada.

Chegando ao final da cancha
Parece olhar pra plateia
Como lhe viesse na ideia
Uma última façanha,
E aquela força tamanha
Que tanto tempo foi sua
Aos pouquinhos se atenua
Da maneira mais estranha.

Em meio àquela tragédia
Alguém grita de repente:
Seu rui barcelos, vá em frente,
Entregue a faca ao Marcão!
E uma grande comoção

Tomou conta da peonada
Ao ver a faca enterrada
Bem fundo, no coração!

O sangue bordando a grama
Da cancha da ferradura
É a experiência mais dura,
Mais triste e inesperada
Que emudecendo a peonada
E todo o povo presente
Mostra a sorte comovente
E a tragédia da *bragada*

E ali, na frente de todos,
A sangria se completa.
A trinta e três fica quieta,
Dá seu suspiro final
E aquela data fatal
Agora é parte da história
Gravada em nossa memória
Como um triste funeral.

Por isso, a cada rodeio
A história é recontada
Como uma lenda sagrada
Dos rodeios vacarianos
E depois de tantos anos
A saga da trinta e três
Ainda se ouve, quando em vez,
Junto aos fogões campechanos.

(ela nasceu pra ser livre
E correr no pampa aberto,
Cruzando o campo deserto
E entreverando-se ao gado,
Sem porteiras, aramados,
Vivendo à lo largo, à toa,
Bebendo o céu nas lagoas,
Pastando nos descampados...)